

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Simone Silva da Silveira

**COMO ME TORNAR PROFESSORA PROTAGONISTA DIANTE DAS
INCERTEZAS DAS PRIMEIRAS VEZES?**
Um estudo de caso na Educação Infantil

Porto Alegre

1. Semestre

2016

Simone Silva da Silveira

**COMO ME TORNAR PROFESSORA PROTAGONISTA DIANTE DAS
INCERTEZAS DAS PRIMEIRAS VEZES?**
Um estudo de caso na Educação Infantil

Trabalho apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Professor Doutor Gabriel de Andrade Junqueira Filho

Porto Alegre

2016



Dedico este trabalho à minha filha Maria Cecília, que
traz no nome, a mulher soberana, aquela que enxerga além do que
está posto.

Agradeço,

Às crianças por essa aposta de amor e esperança no futuro que carregam em si.

À minha mãe Lia, do hebraico a de olhos cansados, que talvez mesmo cansada de ver a falta de lucidez alheia, dentro de seu sonho lúcido me desejou e me permitiu junto com meu pai Genaldo esta experiência na Terra, aos dois que mesmo em suas ausências se fazem presente todo tempo em cada célula de meu corpo.

À minha avó Nadir Simões, pelo amor incondicional, pelo exemplo de vida e força.

À Sílvia Rocha, a mãe de meu companheiro pelas duas palavras “tenta de novo”, quando lhe contei meu desejo de estudar na UFRGS e que já havia tentado cinco vezes o vestibular e o apoio sereno e constante durante essa trajetória!

A Isaac Starosta pela poesia, nem sempre fácil de nossos encontros.

Ao meu companheiro de jornada, Alexandre Starosta, que embarcou em um ônibus comigo nove anos atrás e segue comigo nessa viagem, aprendendo sobre amor, música e que comigo sonhou o sonho de família, parceiro nesse ensina-aprende de deixar-se ser quem se é confiando no amor.

À Maurício Starosta pela ajuda com a Informática e à Marian Starosta por esse olho bonito, que influencia no meu olhar e a fazer esses registros bonitos!

Às famílias que tive no caminho e que não foram poucas.

À minha prima Rúbia Ribeiro, pela inspiração que sempre me trouxe, por seu jeito alegre e comprometido de ver a vida, pelas risadas e pelo choro, pela amizade sem limites.

À minha comadre Janaiara Ávila, pela família que me concedeu em um momento muito difícil de vida, pelas risadas e pelo choro, pela amizade sem limites.

À minha comadre Alessandra Bohm, pela loucura e lucidez de nosso encontro na Faced, pela inspiração de seu sonho de transformação, pelas risadas e pelo choro, pela amizade sem limites.

À professora Leni Dornelles, pela intensidade e leveza de nossos encontros, pela orientação paciente e sábia, por não ter desistido de me ensinar mesmo quando não foi fácil.

Ao professor Gabriel Junqueira, pela sabedoria e paciência em nosso encontro

nesse final de curso, por me ajudar a escutar em mim coisas que no meu atrapalhamento não me deixam ouvir, por ouvir comigo, por não ter desistido de mim.

À professora Fabiana Marcello, pela explosão de nosso encontro e pelo modo que ressignificamos ele, por não ter desistido de me ensinar mesmo quando não foi fácil.

À professora Simone Albuquerque, pela escuta sensível em mais de um momento dessa minha trajetória de aluna.

À professora Maria Cristina Bortolini, pelas conversas em sala de aula e corredores, momentos inspiradores que me marcam como professora certamente.

À professora Dóris Almeida, pela experiência no PIBID e seu sorriso sempre que nos vemos!

Ao professor Luciano Bedin, pelas aulas transformadoras do 4º semestre.

Aos colegas de curso, todos e todas!

Ao Theatro São Pedro, na pessoa de Mônica Blaya, pela oportunidade concedida!

À Lucila, pela escuta sensata e atenta, por sempre acreditar em mim.

Aqueles que acreditaram que eu podia!

Aqueles que disseram que eu não podia, por me fazerem mostrar que posso!

Ao Cosmos, Adonai, Sidarta, Oxalá e ao deus polinésio do Porta dos Fundos!



"... minha alucinação
É suportar o dia-a-dia
E meu delírio
É a experiência
Com coisas reais
Longe o profeta do terror
Que a laranja mecânica anuncia
Amar e mudar as coisas
Me interessa mais..."

Belchior

RESUMO

Neste trabalho analiso de que forma me tornei professora protagonista em duas situações de aprendizagem vivenciadas durante o estágio obrigatório final do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Como corpus da pesquisa tomo documentos produzidos por mim durante o referido estágio, em especial o Projeto “Olhando, Sentindo, Experimentando...Aprendendo!”, relatos constantes do relatório final de estágio, fotografias e memória daquele tempo. Tipifica-se um estudo de caso, analisado em perspectiva qualitativa. Para a pergunta-problema: - Como me tornei professora protagonista diante das incertezas das primeiras vezes? busquei resposta em documentos como as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2010), mais especificamente explorando o eixo norteador da proposta que aponta a importância de propiciar às crianças diversidade de interações e experiências; o conceito de avaliação em Hoffmann(2000); a abordagem de escolha de conteúdos em educação infantil de linguagens geradoras de Junqueira Filho(2005); a aproximação de minha experiência de estágio com a experiência de Reggio Emilia; com Edwards, Gandini e Forman(1999), e as palavras de Freire e Shor(2008). Os resultados dão conta de que me tornei protagonista quando através de uma avaliação atenta e sensível em identificar o que as crianças da turma queriam porque queriam, com o uso das linguagens geradoras, fui atrás de proporcionar essas experiências. Através da abordagem da Pedagogia da escuta, e da abordagem de tempo e espaço na experiência de Reggio Emilia, sem ter noção à época disso, organizei para que tudo saísse a contento de todos e assim foi. Fiz-me docente protagonista ao vencer meus medos em busca de meus sonhos e ao garantir o direito a experiência, e assim garantir o protagonismo das crianças na busca por seus conhecimentos acerca de si, dos outros e do mundo.

Palavras-chave: Educação Infantil. Formação de professores. Auto-formação. Protagonismo docente. Protagonismo infantil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 METODOLOGIA.....	16
2 PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS: o início do caminho.....	22
3 A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO: minha segunda vez!.....	32
3.1 Olhando e sentindo a turma.....	32
3.2 Olhando a chuva, sentindo e ouvindo música.....	40
3.3 O projeto “Olhando, sentindo, experimentando...aprendendo!”	48
3.4 Passeando!	59
3.5 Sentindo e aprendendo.....	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS.....	76

INTRODUÇÃO

A partir de agora apresento meu Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCC) para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Rio grande do Sul, que tem como tema central a formação de professores em educação infantil e como recorte de análise duas situações vivenciadas durante o estágio obrigatório do curso, realizado no segundo semestre de 2015, durante o sétimo semestre do mesmo. Período em que aprendi muito sobre as crianças, sobre planejamento e organização do trabalho, sobre trabalhar em equipe, sobre os medos surgidos no cotidiano de sala de aula, sobre a ousadia que precisamos para vencê-los, sobre outros sentimentos que atravessam nossos fazeres diários e vão constituindo nossa professoralidade. Nesse período atuei como professora estagiária de uma turma de maternal, com crianças entre dois e três anos de idade, em uma instituição pública da capital, em sistema de docência compartilhada com outras três professoras titulares.

O estágio é um período em que devemos e, sobretudo podemos colocar em prática as aprendizagens realizadas durante os semestres anteriores da graduação, portanto, é um período com uma grande demanda de afazeres, desafios e reflexões por parte de nós graduandas e graduandos. Durante o estágio faz-se necessário tentar se aproximar da turma e conhecer o máximo que se puder sobre ela, conhecer a instituição e sua forma de organização e trabalho, buscar articular o que se aprendeu durante o curso com o que se vai conhecendo sobre a turma e a instituição em questão; para essa articulação, ainda é preciso organizar os recursos pedagógicos que serão necessários à prática, escolhendo que livros, que músicas, que espaços usaremos. É preciso pensar na metodologia, de que forma usaremos esses recursos a nossa disposição ou os que precisaremos providenciar, pois não contamos com ele na instituição, e depois e simultaneamente a tudo isso ainda há a necessidade de documentar esse período, a partir da elaboração de projetos, relatórios, diários, fotografias e outras formas que possam surgir de acordo com o modo de ser de cada pessoa em formação, do modo que cada uma se organiza para registrar suas práticas, principalmente nesse contexto de estágio. Estes

registros servem de ponto de partida para a construção e realização da própria prática de estágio, e também para acompanhamento, interlocução e avaliação por parte da orientação – de estágio e da instituição em que realizamos o estágio. Entretanto, percebo, agora com mais evidência, que não servem apenas a isto, ou a este período. Tendo produzido e com esse material em mãos, ele pode ser continuamente usado e revisitado, transformando-se, pela retomada e análise, em documentos do vivido; por exemplo, servem-me, neste momento, para refletir sobre a maneira como venho me construindo, me constituindo, me tornando professora, uma vez que trazem e contam de minhas intenções como profissional de educação em formação, revelam importantes aprendizagens e apontam valores e intencionalidades que não se resumem aquele período. Não sou apenas professora no estágio; outras tantas dimensões da minha vida estão em curso na figura da professora que se apresentou e atuou no estágio. Todavia, como período de aprendizagem importante dentro de um curso de graduação, que escolhi, almejei e vim em busca, percebo que estão a materializarem-se os pressupostos pedagógicos intensos que nortearão a minha prática docente daqui para frente.

Claro, não posso garantir isso, estou a falar de futuro e futuro é incerto, mas quando analiso o passado e percebo presente, antevijo sim uma parte dele que no mínimo atende meus desejos de viver feliz e plena, e se analiso mais profundamente, concluo que dão conta de um sonho, surgido ainda na infância, em que vislumbrava um modo de me relacionar no mundo e com ele, em âmbito familiar, social e profissional, embora, evidentemente, na infância, e na adolescência não tivesse a percepção consciente disso, agora, prestes a terminar o curso de Pedagogia, tenho. Quando repasso minha trajetória até aqui, creio fortemente que não é à toa que escolhi esse curso, que escolhi esse jeito de viver, que escolhi ser professora de educação infantil, e estar em aprendizagem com as crianças desde cedo e ir com elas repensando, aprendendo e reaprendendo minha e nossa forma de estar no mundo, aprendendo com ele e sobre ele. Sobre estas questões é que busco aprofundamento nas próximas páginas, não apenas para obter respostas, mas para não parar de me perguntar, quem sou, porque sou e o que estou a fazer nessa trajetória de vida e curso que se entrelaçam.

Um passeio na chuva, no pátio da escola e um passeio ao Theatro São Pedro para assistir a apresentação de uma orquestra, são as duas situações ocorridas no estágio que escolhi para as análises deste estudo. A escolha delas duas deu-se por conta de que em ambas, quando as apresentei às professoras titulares e a coordenação da instituição onde realizava o estágio, geraram um mesmo tipo de reação inicial por parte destes profissionais, um estranhamento de início, e argumentações contrárias à possibilidade de concretizá-las, como que num movimento para que eu desistisse delas. Soube, em meio a essa interlocução com a equipe, que era a primeira vez que alguém propunha aquele tipo de coisa naquela instituição. Da mesma maneira, minha reação a reação da equipe não me demove, não me desanima, ainda que não deixe de, eu mesma, me colocar sob suspeita: - Será mesmo que estava sugerindo algo descabido, fruto da minha pouca prática, dos meus começos, das minhas primeiras vezes como professora em estágio inicial de formação? Mesmo com essas incertezas de primeiras vezes, segui essa minha vontade com afinco, pois, de alguma maneira, eu sabia que eram ambas oportunidades importantes, exatamente porque não era tão nítido, “mas queria porque precisava”, como argumenta Junqueira Filho (2005), proporcionar o passeio na chuva e a ida ao Theatro São Pedro para as crianças conhecerem uma orquestra, confiante que podemos nos organizar entre todos - crianças, professoras, pais e familiares das crianças e eu – para realizarmos esses dois projetos, para proporcionar às crianças essas duas vivências que, até onde conseguia enxergar, nos trariam ótimos momentos juntos e que também aprenderíamos algo ou algumas coisas com elas.

Uma espécie de certeza impulsionava-me a insistir na concretização destas propostas e a trabalhar por elas, mesmo que por vezes, como já disse, sentisse eu também certa apreensão, certo medo com relação a elas e as suas possibilidades de realização. Contudo, esse medo não me paralisou, fui adiante buscando organizar e agindo para colocar em prática essas duas vivências. Estender e aprofundar as reflexões sobre o que aconteceu desde então me levou aos estudos teóricos e a interlocução com meu orientador neste trabalho de conclusão de curso. O resultado de todo esse processo é o que intenciono compartilhar nas próximas páginas, quando fazendo uso dos documentos produzidos ao longo do período de

estágio, como o projeto redigido para a turma, os relatos diários que compõem o relatório final de estágio, além de fotografias e também memórias desse tempo, e de outros tempos que foram recobradas nesse processo de reflexão, me disponho a voltar a olhar e analisar, a fim de responder a seguinte pergunta: Como me tornar professora protagonista diante das incertezas das primeiras vezes? Pode parecer um pleonasmo dizer professora protagonista, pois parece que o natural é que toda professora seja, desde sempre, protagonista. No entanto, no que diz respeito à minha formação, o que quero dizer com o tornar-me uma professora protagonista quer dizer que, aquela época, mesmo que me sentisse protagonista ao propor essas duas vivências às crianças, suspeitava que talvez não estivesse sendo, diante da surpresa – e por que não dizer do espanto – da equipe de trabalho da escola. Afinal, eu era a estagiária e se estivesse sendo precipitada? Se realmente não tivesse condições de bancar tais propostas? Por que fazia tanta questão de mantê-las, mesmo com todas essas suspeitas?

É importante ressaltar que em mim também havia certa suspeita com relação a esse meu protagonismo, posto que não me imaginava protagonista; ao contrário o meu desejo era de que as crianças fossem as protagonistas de suas aprendizagens. Eu também era protagonista? E agora, quem protagonizava o quê?

Sendo assim, no capítulo 1, apresento a metodologia empregada na pesquisa, que é de ordem qualitativa, pois minhas análises tentam dar conta de subjetividades, de construção de conhecimento, de formação humana e formação docente, e como trata-se em especial da análise da minha formação, e o recorte de tempo é definido – o tempo de estágio do curso –, configura-se como um estudo de caso. No capítulo 2, me apresento de um dos jeitos que mais gosto, revisitando os pátios da minha infância e outros lugares por onde passei e passei, quando criança, adolescente e adulta, até chegar ao curso de Pedagogia e o que fui lendo, conhecendo e experimentando nessas trajetórias, posto que acredito que essas leituras, passeios, vivências profissionais anteriores ao curso e algumas já nele, atravessam minhas escolhas e fazeres de docente em formação, inclusive as situações da prática de estágio que analiso neste estudo. No capítulo 3, trago o relato e a análise das experiências propriamente ditas – o passeio na chuva e a ida ao Theatro São Pedro – agora analisadas a partir do referencial teórico encontrado

em documentos oficiais como as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2010), mais especificamente, explorando o eixo norteador da proposta que aponta a importância de propiciar às crianças diversidade de interações e experiências, bem como, autores como Junqueira Filho (2005) e as linguagens geradoras, para refletir sobre as relações que se estabelecem na parceria entre professores e professoras e seus alunos e alunas, no entrecruzamento entre o que se escolhe para as crianças, pelo que faz sentido ao professor, e o que se escolhe junto com elas, porque atento e sensível aos seus movimentos e produções; Hoffmann (2000), e seu conceito de avaliação; Paulo Freire e Ira Shor (2008), pela problematização do medo e da ousadia no cotidiano do professor, para pensar como esses dois sentimentos atravessam minha prática e trajetória de vida; Edwards, Gandini e Forman (1999), para pensar em importantes tópicos em Educação Infantil; Soares (1991) e seus estudos sobre o lugar da memória como constituinte da reflexão sobre a prática docente, entre outros. Por fim, apresento minhas Considerações finais sobre os achados deste estudo.

Acredito que os escritos, os estudos e as reflexões produzidas neste trabalho justificam-se na medida em que penso que minha formação se expande quando a revisito e continuo a questioná-la a fim de perceber para além de meus erros e acertos, o que posso mudar e acrescentar em próximas práticas e continuar pensando em novas possibilidades de ação pedagógica. Desta forma, acredito que meu próprio processo de ensino-aprendizagem esteja em constante evolução e, quem sabe, sirva de inspiração a outros e outras profissionais de educação em formação. Todavia, não escrevo com a intenção de decretar verdades ou transmitir o que aprendi, escrevo para ir além, escrevo porque busco ser outra e melhor professora a partir deste exercício de reflexão e registro, escrevo para transformar em experiência o que vivi. Para Larrosa *apud* Rancière (2007):

A experiência e não a verdade, é o que dá sentido à escritura. Digamos com Foucault, que escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita libertarmos de certas verdades, de modo a deixar a ser o que somos para ser outra coisa, diferente do que vimos sendo. Também a experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à educação. Educamos para transformar o que sabemos não para transmitir o que sabemos. Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que esse ato de educação, essa experiência em gestos, nos permita libertarmos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o

que somos, para ser outra coisa para além do que vimos sendo. (LARROSA *apud* RANCIÈRE, 2007, p.5).

Assim, busco nessa experiência com as palavras seguir ressignificando o já vivido, para ir adiante sem perder de vista os meus sonhos.

1 METODOLOGIA

A pesquisa que realizo neste trabalho não pode ser medida em números, não tem um valor fechado em si, diz respeito à vivências e práticas que não se medem em quantidade. Tem como ênfase compreender e significar essas realizações passadas durante o meu percurso de formação docente, mais precisamente no estágio obrigatório do curso de Pedagogia; neste sentido, trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Tanto é assim que essa pesquisa trabalha com estudos bibliográficos, mas também com a matéria da memória, dos sonhos e dos sentimentos que me impulsionaram até aqui.

Acredito ainda que além desse caráter qualitativo, o presente trabalho configura-se também como um estudo de caso, posto que estou a analisar aspectos e situações significativos vividos em meu estágio obrigatório de curso, sendo assim, tem objeto, tempo e lugar bem definidos. Para Gerhardt e Silveira (2009, p.33):

O estudo de caso como modalidade de pesquisa é entendido como uma metodologia ou como a escolha de um objeto de estudo definido pelo interesse em casos individuais. Visa à investigação de um caso específico, bem delimitado, contextualizado em tempo e lugar para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.33).

Essa busca de informações sobre mim, sobre me tornar professora protagonista de educação infantil, desde as primeiras oportunidades, como no estágio da graduação, foi o que me impulsionou a realizar essa pesquisa.

O estudo de caso visa a descoberta conforme Ludkee André(1986) e foi assim que aconteceu, conforme fui lendo, refletindo sobre os documentos do estudo e repensando minha trajetória, fui encontrando novos pontos, novas partes de uma história que já parecia saber qual era, mas agora já era outra.

Para prosseguimento da mesma, recorro documentos produzidos durante o referido estágio, como o Projeto “Olhando, Sentindo, experimentando...aprendendo!”, os relatos constantes do relatório final de estágio, fotografias e também a memória

recente sobre aquele tempo. Volto a eles, revendo, reorganizando, selecionando fotografias, relendo e escolhendo recortes de textos procurando detalhar e repensar a teoria que embasou meus escritos e ações aquela época, tentando responder por que fazia aquelas escolhas e o que me fazia acreditar que estava certa em fazê-las e, portanto, vencer as barreiras iniciais que eram apresentadas, diante dessas duas propostas específicas que me proponho a analisar. E, além disso, busquei outros autores, conhecidos durante os estudos de elaboração do TCC, e outras parcerias, como a do meu orientador, retomando e reafirmando a dinamicidade do exercício e do processo de (re)significação, geradores de muitas possibilidades de leitura para as mesmas situações vividas, em contextos com os quais vamos nos deparando vida afora.

Também a memória sobre o tempo de estágio e dos tempos de infância, adolescência e vida adulta servirão de apoio para as análises, embora saiba de antemão que estas lembranças já estão impregnadas pelo presente, não tratam apenas do vivido nesse tempo anterior, quando trago-as à tona novamente; essas memórias e lembranças já são outras e transformaram-se pelo efeito do que vivo e penso agora. Lê-se em Soares (1990):

É esse passado que prossegue e que avança em direção ao futuro que agora busco perceber e contar. E já não sou, como nos capítulos anteriores, a que vê hoje, como fui um dia; sou neste capítulo, aquela que procura ver hoje, a que sou hoje. (SOARES, 1990, p.98).

Sigo então lembrando o que passou, projetando capítulos futuros, sob a lente do agora.











2 PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS: o início do caminho

Nesse caminho em direção à docência, volta e meia revisito o pátio da infância. Através das lembranças, trago a mente imagens, que remontam minhas experiências naquele lugar. Por vezes essas imagens-lembranças são mais coloridas, outras vezes nem tanto, estão (encobertas por um efeito esbranquiçado que lembram os atuais efeitos que encontramos em aplicativos de celular). Dessas imagens mais coloridas, destaco minhas tardes de brincadeiras e descobertas no pátio de casa, subindo e descendo árvores, montando e desmontando casinhas, usando madeiras e telhas que eram armazenadas no pátio, como se essas fossem grandes "legos", ou fazendo suco de folhas e bolos de barro usando a terra molhada depois da chuva.

Nessas imagens mais sem cor ou desbotadas que me vem à mente, enxergo a área externa da casa que dava acesso ao pátio, onde minha avó mantinha um paineleiro antigo, mas não com painelas nele, mas sim com folhagens e que acima dele, penduradas em barbantes ou até na própria palha, ficavam espigas de milho secando, para posteriormente serem plantadas. No nosso pátio, minha avó plantava além de milho, temperos e mandioca. Fui criada por ela desde o nascimento, pois meus pais tiveram alguns problemas e não puderam assim fazê-lo. Dona Nadir cumpriu a tarefa com amor, carinho e histórias contadas pela oralidade. Costumava lembrar a sua e, portanto, a minha descendência indígena, contava coisas sobre minha bisavó, cheguei a ver fotos dela, mas estas imagens na minha lembrança já não se materializam inteiras e sim em partes que trazem à tona principalmente a cor escura da pele de minha bisavó.

Além desse breve passeio pelo pátio da infância, outros passeios, outras memórias, imagens e vivências atravessam minha formação e me constituem nesse caminho de tornar-me professora.

Ainda durante a infância, porém mais tarde, aos nove anos de idade, eu e minha avó fomos passar as férias de verão na casa de minha madrinha, irmã de minha mãe, que mora em Florianópolis. Ela manifestou interesse em seguir me educando dali para adiante, e eu, encantada com as novas possibilidades e com o novo mundo que começava a enxergar, aceitei a proposta e fiquei.

O pátio antes cheio de árvores, plantas e brincadeiras com terra da casa da minha avó, agora davam espaço para brincadeiras no mar, com areia, conchas e tarrafas. Morávamos à beira mar, nossa casa era a antepenúltima da rua, antes da praia. Além de tudo que o mar possibilitava de brinquedos e brincadeiras, eu agora tinha a companhia de meus primos, os dois filhos menores de minha tia. Também foi nessa época que comecei a ter contato com vários tipos de arte, a primeira delas, a literatura. Anteriormente, com minha avó, não conhecia nada além de desenhos animados na TV e das histórias que ela me contava. Minha avó aprendera a ler e escrever em casa com seus irmãos, não frequentara a escola, não tinha o hábito da leitura; na nossa casa em Porto Alegre, lembro apenas de ver a bíblia sobre algum móvel, mas não passava disso, de um objeto esquecido no canto. As histórias que me contava eram sobre pessoas antigas e acontecimentos antigos; hoje lembrando delas, percebo que algumas de tão inusitadas beiravam a ficção, mas eram relatadas a mim como sendo reais.

Nessa nova casa encontro numa prateleira a coleção de livros para crianças de Monteiro Lobato, com a capa verde-escura com escritos dourados, que não eram mais lidos por ninguém de lá, mas que me foram bons companheiros muitas vezes, pois fui lendo-os um a um. Algumas vezes, o pátio da casa de Dona Benta, com Narizinho e suas reinações, com a curiosidade e impetuosidade da boneca Emília, serviam de refúgio para mim; quando de alguma maneira não era bem compreendida, lá me sentia acolhida e de certa forma entendida quando precisava. Conforme fui crescendo, o interesse pela leitura também aumentava; passei a frequentar assiduamente a biblioteca do colégio onde estudava, chegava a ler mais de um livro por semana e no início da adolescência, depois de tempos consumindo o acervo da biblioteca, voltei a procurar em casa, em outras prateleiras, novas possibilidades de leitura. Encontrei um livro de Carlos Drummond de Andrade, que se chamava “Amar se aprende amando”, cujo título me chamou atenção, porém desta vez, fui impedida de continuar a leitura, com a recomendação de que não tinha idade para ler aquele livro. Pensei: Como assim não tenho idade? Penso agora: Qual é a idade para conhecer a poesia de Drummond? Eu sentia que não havia nada errado nessa minha vontade de ler aquele livro, não conseguia entender por que era proibido ler sobre amar.

Hoje me pergunto se, ao contrário, houvesse um incentivo em continuar nas leituras, o que isso poderia acrescentar em meu percurso de aprendizagens? Acabei desinteressando-me um tempo pela leitura, já que não podia ir além, e voltar atrás ou continuar lendo os mesmos livros não me interessava ou satisfazia. Na vida adulta, retomei o gosto, e além do poeta Drummond, li Fernando Pessoa, Oscar Wilde, Sartre, Clarice Lispector, praticamente toda obra de Caio Fernando Abreu e outros autores e autoras, conforme minha curiosidade, vontade e tempo permitiram.

Também foi lá em Santa Catarina que conheci um novo formato de música, através dos *Long Plays (Lps)*, ou discos de vinil, como gosto de chamar. Meu padrinho escutava-os, meus primos também. Além dos discos de Madonna e Elvis Presley, também ouvíamos discos coloridos de histórias, que escutávamos repetidamente até memorizá-las quase por completo. Com minha avó, ouvíamos apenas ao rádio, quase sempre na Farroupilha.¹

De todas as descobertas desse período, cinema e teatro merecem evidência. Aprecio assistir filmes até hoje, de estilos, diretores e nacionalidades variadas. O primeiro filme que assisti em *VHS*², que tenho lembrança foi “A Noviça Rebelde” (1965). Devia estar com uns 11 anos e me emocionei muito com o filme, o que não foi visto com bons olhos, pois não era bom ou normal uma criança emocionar-se com um filme; eu devia ter algum problema, segundo os adultos que estavam a me orientar naquela época. Hoje adulta, percebo o quanto é importante para mim garantir o direito a emoção, tanto é assim que está lá no título do projeto que pretendo analisar logo adiante – Olhando, sentindo, experimentando...aprendendo!

E a emoção de encontrar com a boneca Emília? Foi mágico e inesquecível essa primeira vez no teatro; deixou em mim uma marca e tanto! Mais tarde, já de volta ao Rio Grande do Sul, fiz três anos de teatro amador e cheguei a encenar junto com outra atriz uma esquete baseada no conto *Fotografias*³, de Caio Fernando Abreu.

Considero também relevante mencionar minha experiência profissional anterior ao curso de Pedagogia, quando trabalhei por cinco anos gerenciando uma loja de CDs, por mais três anos vendendo e conhecendo diversos instrumentos

1Tradicional Rádio Am da cidade de Porto Alegre-RS.

2Formato antigo de vídeo, anterior ao DVD.

3Do livro “Morangos Mofados”, do referido autor.

musicais e o trabalho na secretaria de duas escolas de música particulares da capital, que também contribuíram para minha formação fora de sala de aula. Além do fato de conviver diariamente com meu parceiro e pai de minha filha, músico profissional, formado bacharel em violino pelo Instituto de Artes da UFRGS.

Todas essas vivências, por meio de telas, palcos, músicas ou reveladas pela memória, ou ainda pelas relações estabelecidas com pessoas da família ou no trabalho, que venho transformando em experiência no exercício dedicado de reflexão sobre elas, antes mesmo do ingresso no curso de Pedagogia, fazem-me perceber o mundo de maneira única, crítica, atravessam-me como pessoa e como professora de educação infantil em formação, atravessam meus desejos e sonhos mais intensos.

E o sonho da universidade, a vontade de cursar uma faculdade surgiu e a possibilidade que vislumbrava estava na universidade federal, mas não sabia bem que curso escolher. Então, um dia, ainda trabalhando na Banana Records⁴, tive o *insight* assistindo ao clipe da música "Four your babies", da banda inglesa Simply Red⁵, cujo refrão da música, traduzido livremente por mim, diz: "*Eu não acredito em muitas coisas, mas em vocês eu acredito*", em que o vocalista da banda aparece sentado em roda e cantando com muitas crianças. Senti uma alegria e uma identificação imediata com o que assistia. Eu também acredito nas crianças, e muito! Lembro que acreditava em mim quando era criança, mesmo que me desacreditassem ou não me compreendessem por vezes, e eu sabia que não havia nada de errado em chorar vendo um filme ou pegar um livro para ler. Por que não confiavam nas minhas vontades? Acredito sim que as crianças sabem se relacionar com o mundo e que os adultos podem e devem auxiliá-las nessa interação sem fórmula e sem receita e não proibi-las. Comecei, não me lembro ao certo quando, a acreditar que de alguma forma poderia ser eu essa pessoa adulta a estar do lado das crianças e estabelecer parcerias com elas. Estava a ouvir a minha música interna, a melodia que embalava meus sonhos, embora só agora escancaradamente ela se revele a mim. E pensei: Pode ser na Pedagogia! E fui atrás do que ouvia, afinal sou Simone, do hebraico, aquela que ouve.

Consegui passar no vestibular, na sexta tentativa, e quando comecei o curso,

4 Antiga loja de Cds da capital.

5 A música "Four you babies", encontra-se em Stars ,quarto álbum da banda lançado em 1991.

durante as aulas, toda vez que citavam algum exemplo ou relatavam algum fato sobre seus trabalhos com crianças, estes se passavam em sala de aula, em uma escola, com quadro, classes, giz e outros recursos tão associados a escola mais tradicional. Mas é só para esse tipo de sala de aula que serve o que aprenderemos aqui? A ideia que eu tinha sobre aprender e ensinar com e para crianças não era assim. E eu não conseguia me enxergar sendo aquela pessoa a frente de classes enfileiradas, escrevendo no quadro e fazendo os alunos copiarem em seus cadernos. E quando me imaginava sendo esta pessoa, a cena não ia adiante, eu não era, não sou assim. Sentia que escolhera o curso certo, mas o percurso não deveria me levar aquele lugar, não assim como minha imaginação o criava, ao ouvir as histórias e relatos de colegas.

Ainda assim meio perdida, surgiu a oportunidade de uma bolsa para alunos e alunas do curso no PIBID, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Como estava “desempregada”, fui fazer a seleção e passei; era o final do primeiro semestre. Foi uma ótima primeira experiência com a docência. Éramos orientados por duas professoras de História e adentrávamos a sala de aula uma vez por semana, em turmas de Anos Iniciais, com mais quatro colegas de curso, no sistema de docência compartilhada. Já era bem diferente daquela imagem inicial, de cadeiras e classes em fila com um único professor à frente! Não estávamos sozinhos perante os alunos e alunas, todos contribuíam para o andamento da aula, se ajudavam e se completavam nesse exercício e estas se davam em vários espaços da escola, e sem classes; por vezes ocorriam no auditório da escola, na sala de vídeo, nas quadras ou até no pátio! Mesmo quando a aula ocorria em sala de aula, e foram pouquíssimas vezes que isso aconteceu, a configuração de sala não era aquela de classes enfileiradas, essas classes se moviam, tomavam outras configurações ou mesmo eram desprezadas. Além do que, para preparar essas aulas, tínhamos as outras tardes da semana para momentos de formação e planejamento, sempre em grupo. Essa forma de pensar junto, de me posicionar e também de conhecer e agregar o pensamento do outro, de trocar, me fazia e me faz muito sentido. Foi um tempo muito bom de aprendizado.

De toda forma, continuava com a vontade de experimentar novidades, outras coisas e surgiu a oportunidade de estágio pela prefeitura, em um programa em

parceria como governo do estado, o PIM, Primeira Infância Melhor, em que uma equipe formada por estagiários de Psicologia, Educação Física, Assistência Social, Nutrição e Pedagogia, também se reuniam para estudar, em momentos de formação, e para planejar atendimentos em casas de famílias, situadas em locais de vulnerabilidade social, cujo objetivo principal era fortalecer o vínculo entre cuidador e criança; como o nome do programa mesmo diz, tratavam-se de crianças de 0 a 6 anos. Essas visitas também eram realizadas em parceria com colegas estagiários de Pedagogia ou dos outros cursos, às vezes duplas e às vezes trio. Foi uma experiência importante, conheci um pouco de uma realidade distante, mas nem tanto, que me fizeram ter ainda mais vontade de atuar como profissional de educação. Por acreditar que uma grande parcela da transformação da sociedade passa por este caminho, que desigualdades e diferenças podem ser diminuídas quando se olha para o outro, criança ou não, e o vê diferente apenas, considerando suas trajetórias e não o julgando menos importante, mas como alguém que merece respeito, atenção e, sobretudo, alguém com capacidade e potencial para ir além, desde que alguém esteja aberto a ajudar, penso que só essa ajuda não é o bastante, mas pode melhorar muito a condição do sujeito no mundo.

O quarto semestre chegou, iniciaram-se as práticas, fiz duas delas, a do quarto e quinto semestre na educação infantil e a do sexto, como a outra opção era com jovens e adultos, fiz com uma turma de terceiro ano.

Atuei ainda como bolsista de Iniciação Científica por duas vezes, uma vez em um grupo de estudos sobre inclusão, o Geped - Grupo de Pesquisa sobre Educação e Disciplinamento –, onde estudávamos principalmente a docência compartilhada, escola e inclusão. Desse tempo, sinto a marca das discussões e a importância que atribuo a esse sistema de docência, que conversa, troca e alia saberes. Na outra oportunidade, estive presente em um grupo de estudos sobre análise de discurso, na linha de Michel Pêcheux, tendo apresentado no Salão de Iniciação daquele ano um trabalho sobre autoria em títulos e percebo agora o reflexo daqueles estudos em minha formação, na medida em que me preocupo com o que nomes e títulos trazem em seu enunciado. Entretanto, a sensação de estar fugindo da escola, aquela da minha imaginação, continuava, o que me inquietava, pois sabia que chegaria o momento do estágio obrigatório e então seria inevitável. Como eu atuaria em uma

escola? Qual escola? Como escolher? Em que nível de ensino?

Quando chegou o momento de decidir e olhando para o caminho que havia percorrido até ali, dei-me por conta que tinha realmente a preferência pela Educação Infantil. Pensei novamente na importância daquelas explorações no pátio da minha avó e da curiosidade que motivava seguir experimentando novas opções nas brincadeiras e soluções para os problemas que surgiam durante elas, e considerei que atuar nesse sentido de buscar garantir às crianças pequenas essas oportunidades de descobertas e experiências pode fazer diferença na vida delas, assim como fez uma grande diferença em minha vida.

Veio a primeira vez no estágio, no primeiro semestre de 2015, e medo e ousadia já me acompanharam nele. O medo de incertezas não me permitiu a calma necessária pra viver a experiência dele plenamente, foi dolorido, mas percebendo que não estava conseguindo desempenhar o trabalho que queria e podia, mesmo com a indicação da professora orientadora da época de que não seria reprovada, usei desistir dele temporariamente, no meio do caminho, na sexta semana de prática, e fui em busca da realização dele em outro momento mais calmo, de modo que pudesse me entregar, me lançar nessa experiência de aprender mais tranquilamente, com alegria. Usei as semanas restantes preparando, buscando meios de obter essa calma de que precisava para aprender não em preto e branco, mas aprender colorido.









3 A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO: minha segunda vez!

O estágio no segundo semestre de 2015 foi realizado em uma instituição pública de educação Infantil, que atende crianças de 0 a 5 anos, em período integral. As turmas eram divididas por faixa etária, sendo que cada turma tem entre 15 e 20 crianças e a docência sempre é compartilhada entre duas ou mais professoras ou professores. As crianças são atendidas em tempo integral, das 7h30 às 18h30, e os responsáveis, mas também há opção por um único turno, manhã ou tarde e os pais podem optar pelos turnos conforme suas necessidades. Além das salas de aula, a instituição conta com uma sala de multatividades⁶, uma ludoteca, refeitório, um pátio pequeno e dois pátios grandes com brinquedos, árvores, areia, casinhas de madeira, grama e bastante espaço para movimentarem-se.

Minha prática deu-se em uma turma de Maternal 1, com 17 crianças, sendo 10 meninos e sete meninas, com idades entre dois e três anos de idade, e realizou-se no turno da tarde, durante 13 semanas, precedidas de duas semanas de observação. Durante esse período, chegava à escola às 13h30 e deixava o grupo às 17h30.

3.1 Olhando e sentindo a turma

Nas duas primeiras semanas que são destinadas à observação da turma, acompanhava o grupo em toda a sua rotina. Quando chegava, eles ainda estavam no sono, então, por vezes, ficava com eles na sala onde dormiam que não era a mesma da turma, e por outras saía a observar outros espaços da instituição, aproveitava para conhecer o acervo da Ludoteca, para observar corredores, ler os murais ou ver as produções documentadas em suas paredes. Depois que passava o horário do sono, minha participação com a turma era ativa, auxiliava as professoras da turma do despertar da turma até o momento de ir embora. Durante a rotina de higiene, alimentação, da conversa em roda, do pátio ou atividade em sala,

⁶ Sala onde se realizam várias atividades dentro da escola, como: educação física, momentos de formação de professoras, reuniões de equipe e também serve como dormitório depois do horário de almoço diariamente para algumas turmas, inclusive a do maternal 1, turma onde estagiava.

acompanhava-os participando dessas situações, ao mesmo tempo em que os observava nas suas interações com essas situações, olhando e sentindo a turma, em outras palavras, aproveitando para conhecer e refletir sobre o grupo, percebendo seus tempos e modos de agir, ouvindo-os e também percebendo as ações das professoras. Para Madalena Freire (2004):

A observação é uma ação altamente reflexiva quando o olhar está pautado para buscar ver o que ainda não sabe. Não é um olhar vago, à espera de descobertas. É um olhar focalizado para detectar, diagnosticar o saber e o não saber do grupo. Por isso mesmo ação estudiosa de realidade pedagógica [...] (FREIRE, 2004, s/p).

Era isso que buscava fazer: aprender o que sabiam e o que não sabiam e mais do que queriam saber. Queria saber deles seus saberes, não saberes e o que saber junto com eles! Assim tentava buscar através desse levantamento por onde iria empreender o conhecimento pedagógico adquirido até ali.

Considerei a turma grande, pois além das 17 crianças também contava com três professoras titulares, comparada, por exemplo, com o outro maternal da escola, onde havia 11 crianças e duas professoras. E também quando olhava para o espaço físico da sala, posto que quando as crianças brincavam no tapete da sala, e havia uma recomendação por parte das professoras titulares de que não saíssem daquele espaço, ficava nítido que era um espaço apertado e isso me incomodava bastante. Comecei a pensar em como melhorar essa questão de espaço para as crianças.

As professoras da turma trabalhavam no sistema de docência compartilhada, uma delas era recentemente formada em Pedagogia pela UFRGS, uma cursava o sexto semestre e a outra o sétimo semestre do mesmo curso. Pude perceber o quanto crianças e professoras mantinham um bom relacionamento, as professoras entre si, as professoras com as crianças e as crianças entre si. Todos se conheciam bastante. Havia uma atmosfera de conforto e acompanhamento, com um tipo de controle que me intrigava. A turma me parecia presa a uma rotina fixa: depois do sono, higiene, alimentação do início da tarde; a partir das 15h é que as professoras costumavam apresentar algo específico da proposta pedagógica, não que os outros momentos não fossem pedagógicos, mas, à época, dizíamos a “hora da atividade”.

Durante a observação, ficou claro que não possuíam um planejamento prévio, que esse momento era pensado no dia, posto que conversavam um pouco antes de decidir o que fazer e o que cada uma faria. Noto uma grande probabilidade de que em virtude disso ocorria uma repetição das propostas, e estas, mesmo que não percebessem as docentes, estavam quase que apenas destinadas a preencher o tempo. Quando olhava para as crianças e professoras a executá-las, não as percebia como desafiadoras ou estimulantes, mas sim como um passar de dias um atrás do outro sem muita intenção, pois variavam entre ir ao pátio quando o tempo permitia ou quando isso não era possível, à contação de histórias, em roda. É preciso dizer que eram boas histórias, mas o modo de contar era sempre igual. Percebia a beleza do trabalho delas também nessas contações, pois me dava conta que havia esse conhecimento construído por elas junto às crianças de pararem e prestarem atenção ao que está sendo apresentado.

Seguindo com a rotina daquelas duas semanas, transcorreram baseadas em assistir filmes em DVD ou brincar no tapete da sala, com um brinquedo escolhido por uma ou algumas crianças da turma. É necessário ressaltar que uma vez escolhido um tipo de peça ou um jogo, era apenas com aquele que as crianças deveriam brincar; se elas virassem para o lado e pegassem um carrinho ou outro tipo de peças, eram impedidas pelas professoras, pois deveriam permanecer brincando apenas com aquele tipo já pré-estabelecido. Esse controle, essa vigilância eram constantes também em outros momentos, como durante a escovação, por exemplo; era imperioso que as crianças esperassem a sua vez para escovarem-se sentadas e em silêncio. Compreendo que com 17 crianças, não é possível deixá-las soltas, fazendo o que quisessem e falando alto ou mesmo gritando, mas tinha a percepção que a vontade de manter a disciplina dos corpos se sobrepunha a qualquer outra questão. Tinha uma sensação de que poderíamos conseguir a disciplina de outra forma.

Penso que é importante ressaltar que essas observações não estão a desmerecer o trabalho das professoras; entendo-as como pessoas e professoras em formação e hoje penso que poderia e deveria ter trocado mais ideias com elas em relação a essas minhas percepções, mas naquele momento, muitos sentimentos, entre eles o medo, como já mencionado, acompanhavam-me naquele lugar novo,

com pessoas novas sendo avaliada constantemente. E isso me impediu de conseguir estabelecer essa relação, essa conversa e essa troca. E se eu não conseguisse me fazer entender? Se não soubesse fazer o melhor uso das palavras, poderia colocar essa minha segunda vez em risco, e isso eu não queria. Foi assim naquele tempo, hoje não seria assim.

Para melhor compreensão da rotina da turma, uso a tabela que segue:

12h às 14h00	Sono
Até 14h30	Trocas
14h30	Lanche
15h	Roda, “hora da atividade” e pátio
16h20	Higiene e janta
17h	Escovação e trocas
17h	Início da saída, pátio ou brincadeira em sala

Minha chegada arriscava alterar um pouco essa rotina e de certa maneira percebia que era necessário pensar em formas de aproveitar melhor os espaços, de propor novas situações, de trazer novidades e alternativas e desafios para as crianças. Queria agregar ao grupo, sem desrespeitá-lo. Acredito que meu olhar de fora e entusiasmado podia agregar ao grupo e trocar com ele, trazer algo de novo e aprender com a experiência deles, já que aquele lugar tão confortável e da referência deles era novo pra mim. Estava empenhada nesse propósito. Minha vontade era de aprender e crescer junto com eles. No que diz respeito a mim, queria que aquele tempo que passaríamos juntos fosse alegre e somasse ao meu fazer docente; queria aprender sobre as crianças, sobre escola, sobre ser professora de crianças pequenas. No que diz respeito às crianças, intencionava intermediar de maneira significativa para elas esse processo delas de descobrirem a si mesmas, de descobrirem coisas ao seu redor; queria que conhecessem um pouco sobre mim e sobre outras coisas que quisessem conhecer, também com alegria. Nas palavras de Junqueira Filho (2005):

Professores e alunos são uma dupla forte, um par dinâmico que pode muito na vida de cada um deles, na vida da escola, na vida da família, na vida do planeta e de tudo que está a volta deles. Mas para isso, têm que estar atentos a si e um ao outro; têm que aprender a ler o seu próprio jeito – em constante produção – e o jeito do outro- também em produção contínua. E quanto mais perto chegam um ao outro, mais conhecem, sobre si, sobre o outro, sobre conhecer, sobre conhecer, sobre conviver, sobre parceria, sobre o mundo. (JUNQUEIRA FILHO, 2005, p.54).

Eu estava atenta, queria chegar bem perto das crianças, das professoras, embora nem sempre tenha conseguido.









3.2 Olhando a chuva, sentindo e ouvindo música!

Seguindo no trabalho de observar, por vários dias percebi o interesse das crianças pela chuva. Quando estavam a brincar no tapete nos dias chuvosos, dispersavam-se e ficavam a olhar para a chuva. Uma das portas da sala, era de vidro e dava para um dos pátios da creche, assim, notei que algumas delas – e alternavam-se em quais –, recorrentemente paravam a fitar a chuva que caía no pátio, paradas à porta da sala. Conversavam entre si, não conseguia ouvir bem o que diziam; de certa forma, não queria intervir em suas conversas, tanto por respeito, como também por uma falta de jeito de saber como fazer isso sem estragar o momento delas; eram os primeiros tempos com a turma e também meus primeiros dias com a faixa etária em questão. Todavia, soube que conversavam sobre a chuva, pois esta palavra especificamente pudera ouvir. Outra vez chegaram a sair até a parte de fora da sala, onde há um toldo. Um dos meninos saiu da brincadeira com um brinquedo na mão e parou pra olhar a chuva caindo; em seguida, uma menina vendo-o, acompanhou-o na observação. Ficaram assim quietos por um tempo olhando, depois alguém os vendo ali fora, chamou-os para dentro. O que percebi é que brinquedos e as brincadeiras, por si sós, ficavam desinteressantes, não atraíam a atenção das crianças; a chuva sim. Penso que na idade que as crianças estavam isso é perfeitamente compreensível; a chuva por si só é uma coisa bonita caindo e há essa curiosidade pelo mundo, pelo outro, por outras coisas. Então comecei a pensar em como intermediar, como oportunizar que as crianças pudessem construir seus conhecimentos sobre a chuva, a partir desse interesse que percebi nelas.

Sabia que podíamos ir adiante nessa curiosidade pela chuva, que poderia transformá-la em uma oportunidade de aprendizagem para as crianças e, conseqüentemente, para mim. No início, usava o nome de atividade para denominar minha vontade de organizar um passeio pela chuva no pátio da escola. Embora eu não pensasse nele como uma atividade solta e apenas para preencher o tempo, tinha nítido meu objetivo de proporcionar essa experiência às crianças, já que elas demonstravam interesse e curiosidade pela chuva.

Mas e agora, como oportunizar aprendizagens sobre a chuva? Como fazer isso? Como por em prática essa vontade de propiciar a interação de 17 crianças

com a chuva, já que o mais comum é abrigarmo-nos ou fugirmos dela? Eu tinha um problema para resolver.

Ainda durante o período de observação, uma das professoras titulares ganhou de presente e trouxe para a sala de aula um rádio em formato de Kombi⁷,. Antes de levá-lo para sua casa, resolveu mostrar às crianças como ele funcionava, e na roda daquele dia essa alteração da rotina foi bem importante; percebi que as crianças se interessaram bastante pela novidade, principalmente em ouvir músicas, diferentes do repertório habitual da escola, que tinham curiosidade por elas, que ficavam prestando atenção durante as trocas de estação de rádio, curiosas em saber que música encontraríamos para ouvir em seguida. Estavam abertas à novidade!

Em outros momentos, naqueles dias em que dormiam bastante, depois sentavam ou deitavam novamente para ver filmes infantis, ao ouvirem as músicas dos filmes, cantavam com vontade, batiam palmas e procuravam balançar seus corpos, meio que dançando sentadas, porque era filme e, portanto, eram orientadas a não sair dessa posição para assisti-los. Desse lugar é que eu queria que saíssem e sabia que tinha condições para pensar em outros jeitos, em outras formas de ouvir, sentir e expressar-se com relação a música. Mas eu sonho grande e vislumbrei outra e nova oportunidade completamente possível, mas que também trouxe apreensão e dúvida em um primeiro momento, assim como a do passeio na chuva –queria levá-los ao teatro para assistirem a apresentação de uma orquestra. Não era uma apresentação qualquer, estava inserida na agenda de um programa do Theatro São Pedro, destinada ao público infantil. Com um repertório pensado para tal, com duração de uma hora, tempo menor que o de um concerto convencional e com aspectos de interação com o público, o que não é habitual em concertos fora desse contexto, além de um repertório mesclando erudito e popular. Mesmo assim, a dúvida se as crianças pequenas poderiam assistir veio à tona, posto que até o momento, apenas as crianças do ensino fundamental participavam desta oportunidade. A indicação da direção do Theatro São Pedro é de que esses concertos são destinados a alunos do ensino fundamental, ou com idade a partir de cinco anos, portanto, maiores que os alunos de nossa turma, cujas crianças tinham

7 Automóvel utilitário antigo produzido a partir de 1950.

três anos. Então contatei a direção do teatro e conversamos; informei minha vontade de proporcionar esta vivência às crianças com as quais estava trabalhando e acreditava que elas poderiam acompanhar bem a apresentação e a resposta foi a seguinte: - "Se garantes que é possível, pode trazê-los!". E eu respondi que garantia. E então, me deparei com outros problemas para resolver.

Diante dessas duas situações iniciais e dos desafios que elas me trouxeram, penso, hoje, em conjunto com Hoffmann (2002), que quando acreditava no potencial delas, estava fazendo uma avaliação sobre a turma e através de uma observação atenta e sensível, buscava garantir e elaborar oportunidades de aprendizagem a ela, que julgava importantes e desafiadoras. Essa confiança no potencial ao qual me referia está nesse conceito de avaliação encontrado com Hoffmann, a autora afirma que a avaliação não é apenas um fator do fim do caminho, mas que ela perpassa toda a prática de educação infantil, que a avaliação não deve apenas pontuar o resultado final de uma criança e sim em acompanhar os processos de professores e alunos no momento em que estão juntos em sala de aula e nesse acompanhamento de forma atenta e sensível ir percebendo avanços e propondo estímulos confiando na potência das crianças para aprender.

Essa era minha maior disposição, de oferecer essas vivências com relação a chuva e com relação à música. Quanto à chuva, pensei que ela poderia se dar com o uso de um grande guarda-chuva, que inclusive consegui, achei e decorei, de modo que eu e mais uma ou duas crianças pudéssemos nos abrigar e passear pelo pátio e enxergar a chuva mais de perto, ver suas cores ou a ausência delas, ou as cores dos elementos do pátio refletidas nela, ouvir seus sons, perceber como os objetos do pátio, plantas e outras coisas ficavam ou não quando ela caía sobre eles.

Ressalto que mesmo que em um primeiro momento as ideias tenham gerado dúvida, o Projeto Político Pedagógico da escola está pautado no conceito de avaliação de Hoffmann (2002) e sendo assim, de alguma forma embasou as decisões da coordenação que acabaram consentindo que elas se realizassem.

Além dessa vontade de experimentar a chuva, outra vontade era de experimentar a música, de oportunizar às crianças conhecerem mais e estarem mais em contato com o universo musical; percebia nelas uma predisposição a isso. Aliado a esse fato, tenho uma relação importante com a música e suas diversas formas,

como já relatado no capítulo em que abordo minha trajetória de vida. E dessa relação tão forte que tenho, mesmo que eu não saiba tocar nenhum instrumento, brotaram outras vivências. Além de música em si, ofereci situações para as crianças sentirem o relevo de um disco de vinil, por exemplo, outra paixão que cultivo até hoje. Levei os discos de vinil para a sala de aula e para fora dela, e ouvimos atentamente o som da agulha encostar na superfície do disco, um dos sons do mundo que mais amo, e acredito que gostaram também, pois nessa oportunidade, minha orientadora de estágio acompanhou-me observando na realização dessa magia, e comentou posteriormente em nossa aula de orientação, que compõe a disciplina de estágio, da singularidade desse momento. Pintamos também os vinis, com giz, para perceber o efeito do branco no preto, e com tinta os pintamos pendurados na cerca de um dos pátios. Mas eu podia mais e a vontade de nos permitirmos a experiência de irmos juntos ao Theatro São Pedro também não me saía da cabeça.

Então revendo o texto das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2010) encontro dois itens, que destaco abaixo, que apontam que práticas pedagógicas na Educação Infantil, devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira e garantir experiências que:

Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;
Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical. (DCNEI, 2010, p.25).

Era isso que eu queria oportunizar! As diretrizes me apoiam! Queria oportunizar as crianças o conhecimento sobre si e o mundo por meio dessas vivências. Estava buscando favorecer a interação com diferentes linguagens, diferentes experiências sensoriais e sim, por mais que elas fossem crianças pequenas, eu estava respeitando seus ritmos de aprendizagem, pois elas me mostravam de diferentes formas sobre o que tinham interesse e eu enxergava e ouvia!

Da mesma forma, voltando a esses relatos e continuando nas análises dos

mesmos, que linguagens são estas a que me refiro acima?

Percebo que quando via as crianças olhando para chuva e demonstrando interesse por ela, ou quando percebia seu entusiasmo, curiosidade diante de novas músicas e quando afirmo que queria trocar conhecimentos com a turma, aprender com elas, aprender sobre elas, pondero que chuva e música podem ser olhadas e pensadas como sendo linguagens geradoras dentro de um projeto que parta dessa perspectiva.

Sendo assim vistas nesse entendimento essas duas situações/ propostas de estágio estariam a compor a parte vazia do meu planejamento, embora na época de sua elaboração, isso não me fosse consciente. Explico melhor, quando encontro sentindo e faço uso das palavras de Junqueira Filho (2002) explicando o que são linguagens geradoras dentro de uma proposta de seleção e articulação de conteúdos em educação infantil, e diz comigo é essa forma de perceber “os pontos de vista das crianças, ou seja, identificar diretamente junto às crianças, no espaço escolar, o que elas querem-porque-precisam-saber”. (JUNQUEIRA FILHO, 2002). E sigo explicando com as palavras do autor:

A proposta das linguagens geradoras chega como uma alternativa e uma possibilidade nesse sentido, ou seja, como um instrumento do professor para identificar, através das leituras-articulações que produz sobre as interações das crianças com diferentes linguagens, os conteúdos – temas, assuntos, interesses, necessidades, desejos, dificuldades, faltas, sobras – que insistem, portanto, existem como significativos na vida de cada grupo de criança, ao longo do ano, para os quais o professor irá organizar projetos de trabalho. (JUNQUEIRA FILHO, 2002, p.2)

Então, sim, chuva e música eram linguagens geradoras posto que no conjunto do que observei da turma, avaliei, que esses dois conteúdos, que essas duas linguagens, moviam os seus olhares, seus corpos, seus ouvidos, enfim, seus interesses, aquilo que queriam porque precisavam e eu queria com elas também. Eu estava disposta a nos levar além nesses conhecimentos, e essa perspectiva de seleção e articulação de conteúdos me respaldava teoricamente para seguir adiante em minha ousadia.







3.3 O projeto “Olhando, sentindo, experimentando...aprendendo!”

A pedido da professora orientadora de estágio, e pela necessidade do mesmo, elaborei um projeto para a turma, que se desenvolveria durante as 13 semanas da prática, o qual chamei de “Olhando, sentindo, experimentando... aprendendo!”

O projeto estava voltado para essas experiências e vivências que desejava proporcionar à turma, e subdividia-se em: Justificando; Aproveitando os espaços; Brincando; Experimentando arte; Conhecendo e construindo outras histórias: a literatura em destaque e; Sentindo e conhecendo mais: ouvindo música!

Quando redigi o projeto, não o fiz dentro de uma estrutura convencional. Como citei acima, fui organizando em tópicos o que desejava ir trabalhando com a turma e dentro desses tópicos estavam meus objetivos e como pretendia fazer para alcançá-los. Voltando a esse texto inicial, percebo que é um tanto incompleto; de fato, minha orientadora já sinalizava isso durante o estágio, mas naquele momento, penso que minha ânsia em praticar ser professora era tanta, que a vontade e a capacidade de teorizar sobre, mesmo que existissem, eram incipientes. Hoje, com esse intuito e desejo pulsantes de analisar minha prática, buscando aprofundar os conhecimentos teóricos adquiridos durante o curso, percebo que há muito o que analisar nesse campo, não só no texto do projeto de estágio, mas também nos escritos do relatório. Para continuar pensando sobre a Justificativa do projeto, trago um excerto do Projeto “Olhando, sentindo, experimentando...aprendendo!”, que consta também no relatório final de estágio.

“A ação é a única atividade humana que se exerce diretamente entre os homens, sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade”.
(Arendt, 1995, p. 15)

Buscando um nome para o projeto que norteará meu estágio de docência na educação infantil, a imagem que me vinha a cabeça era a das crianças viradas para a porta em um dia de chuva na ação de olhar para a chuva. De longe fitavam o pátio, não me era possível e talvez nunca será saber o que pensavam, o que de fato olhavam, que cognições faziam, nem porquê faziam, mas de alguma maneira eu sabia que aquilo fazia o maior sentido pra elas, que aquele momento de contemplação se fazia necessário naquele momento e daquele jeito. Sim eu ainda

lembro da minha criança que parava e olhava para a chuva!...

[...] A escolha dos verbos em gerúndio diz respeito a essa vontade de que aprender seja um processo para a turma e para mim, não algo estanque. (Relatório Final de Estágio, 2015, página12).

Nesse retorno ao texto do meu projeto de estágio começa a me saltar aos olhos esse “ndo”, dos verbos em gerúndio que usei para nomeá-lo e percebo que o que eu queria era escrever sobre o tempo, o tempo em educação infantil. Que, acredito, não é o tempo cronológico e agora vou tentar explicar porque. A primeira vista, tenho a sensação de que esse “ndo” pode passar a ideia de lentidão. Mas o que eu buscava era a ideia de processo. Está escrito lá, já mencionei a que processos refiro-me no momento em que trouxe as análises de avaliação, segundo Hoffmann (2002), mas voltando ao tempo, o tempo que eu queria era o tempo necessário para aprender, que independe de relógio, que transcorreria conforme fôssemos aprendendo sobre nós, sobre os espaços à nossa volta, sobre as crianças, sobre as professoras, sobre mim. Esse tempo poderia sim ser mais lento em alguns momentos, ou mais rápido; ele teria uma fluidez conforme nossas necessidades fossem aparecendo. Era isso que eu queria.

Vamos lá, vou tentar explicar melhor. Eu intuía que conforme as crianças e eu fôssemos olhando para os espaços, pessoas e situações a nossa volta, sentindo-as , experimentando-as , nos conhecendo, iríamos nos escutar, escutar a nossa música interna, aquela que indica nossas vontades mais intensas e saberíamos o que fazer com elas e que tempo precisaríamos pra isso. Agora escrevendo, percebo que isto encontra acolhimento junto à pedagogia da escuta Reggio Emilia. Mais a frente abordo isso; voltemos ao tempo. Então saberíamos a hora de falar, de não falar, o tempo de agir, o tempo de escutar, o tempo que precisaríamos ficar envolvidos com uma situação de aprendizagem ou com outra. Claro, tínhamos como baliza uma grade de horários organizando a rotina da turma, mas se preciso fosse, poderíamos até contorná-la e conseguiríamos, pois até fundamentação teórica para essas mudanças tínhamos a nosso favor, como argumentam *Edwards, Gandini e Forman (2008)*:

Precisamos respeitar o tempo e maturação, de desenvolvimento das ferramentas do fazer e do entender, da emergência plena, lenta, extravagante, lúcida e em constante evolução das capacidades das

crianças; esta é uma medida do bom senso cultural e biológico. (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2008, p.157).

Era isso que eu propunha na época, sem conseguir a compreensão teórica que agora consigo. Era esse tempo que pedia escrevendo e pensando nas crianças e depois percebia que pedia esse tempo até para mim, porque durante o estágio precisava de um tempo para maturar minhas aprendizagens e sabia que no momento certo elas se materializariam em situações de aprendizagem que saberia propor e como propor, tal como aconteceu com o passeio na chuva, que foi realizado logo no início do estágio, em sua 4ª semana de prática.

Para prosseguir com a análise, vamos ler uma parte do capítulo Aproveitando espaços, do projeto “Olhando, sentindo, experimentando...aprendendo!”, sobre o uso dos espaços da escola. Vejo agora que tempo e espaço se entrelaçavam no que eu nem sabia que sabia:

Para tanto, os espaços usados pelas crianças serão fundamentais. Pois “o espaço é o território no qual ocorrem as produções. Não existem corpos ou vozes que possam se expressar sem estar em um determinado território.” (ABRAMOWICZ, 1996, p 42).

Pensando em dar melhores condições para que as experiências aconteçam, a fim de organizar, reorganizar e mudar os espaços onde elas ocorrerão, são preocupações que tenho para a escolha de onde e como desenvolver as atividades. A intenção é oferecer um lugar acolhedor e prazeroso para as crianças, espaços onde possam brincar, criar e recriar suas brincadeiras, sentindo-se assim estimuladas e independentes. Significando e ressignificando, inclusive, os espaços da creche que utilizam normalmente e conhecendo e explorando outros, quando possível. (Relatório Final de Estágio, 2015, página 13).

Hoje, lendo Edwards, Gandini e Forman (2008), alegra-me saber que outros educadores pensam parecido com o que eu intuía e organizam e garantem situações onde os espaços são pensados de modo a permitirem uma maior fluidez no tempo, obedecendo ao ritmo das crianças.

Quando observamos as crianças e os adultos nas escolas de Reggio Emilia, percebemos que existe uma comunicação particular entre o tempo e o espaço e que o ambiente realmente funciona. A consideração pelas necessidades e pelos ritmos das próprias crianças molda o arranjo do espaço e do ambiente físico enquanto por sua vez, o tempo de que dispomos permite o uso e desfrute, no ritmo da criança, desse espaço cuidadosamente elaborado. (Edwards; Gandini; Forman 2008, p.156).







Era esse meu desejo, dispor dos lugares da instituição de modos diferentes, de jeitos que eles não tinham usado, mas que queria organizar para eles, ou junto com eles, para que eles construíssem suas aprendizagens durante as propostas que faria e do modo que arranjaría esses espaços dentro e fora da escola. Era isso que pensava quando via sentido em levar as crianças para um passeio no pátio num dia de chuva, ou ao Theatro São Pedro, para conhecer uma orquestra.

Tendo feito esses escritos anteriores, me dou por conta de outro quesito importante disciplina. Agora consigo explicar melhor quando relatei em minha observação da turma no item 3.1 deste trabalho, a percepção de que havia um controle que se sobrepunha a qualquer outra coisa. O que eu acreditava e não sabia e ou não conseguia teorizar naquele momento é que quando conseguisse harmonizar esses quesitos: tempo -espaço -escuta, nossa relação com a disciplina e controle dos corpos seria outro, não seria preciso proibir de pegar um brinquedo, ou restringir e deixá-los em um espaço tão pequeno como o tapete para brincarem. E então faço uso das palavras de Meurieu (2006) que ao escrever sobre disciplina, afirma que ela em si não organiza o trabalho; o trabalho é que faz chegar a ela. Era isso que sabia e não conseguia expressar em palavras. À medida que fossemos construindo nossos espaços para estar na creche, respeitando nossos ritmos e nos escutando durante as situações de aprendizagem, conversar e agir para nós e as crianças não exigiria aquele tipo de controle e rigidez de atos, teria outro andamento melhor e mais leve e com melhores resultados.

Mas voltemos a pedagogia da escuta, abordagem utilizada em Reggio Emilia. Segundo Sá (2010):

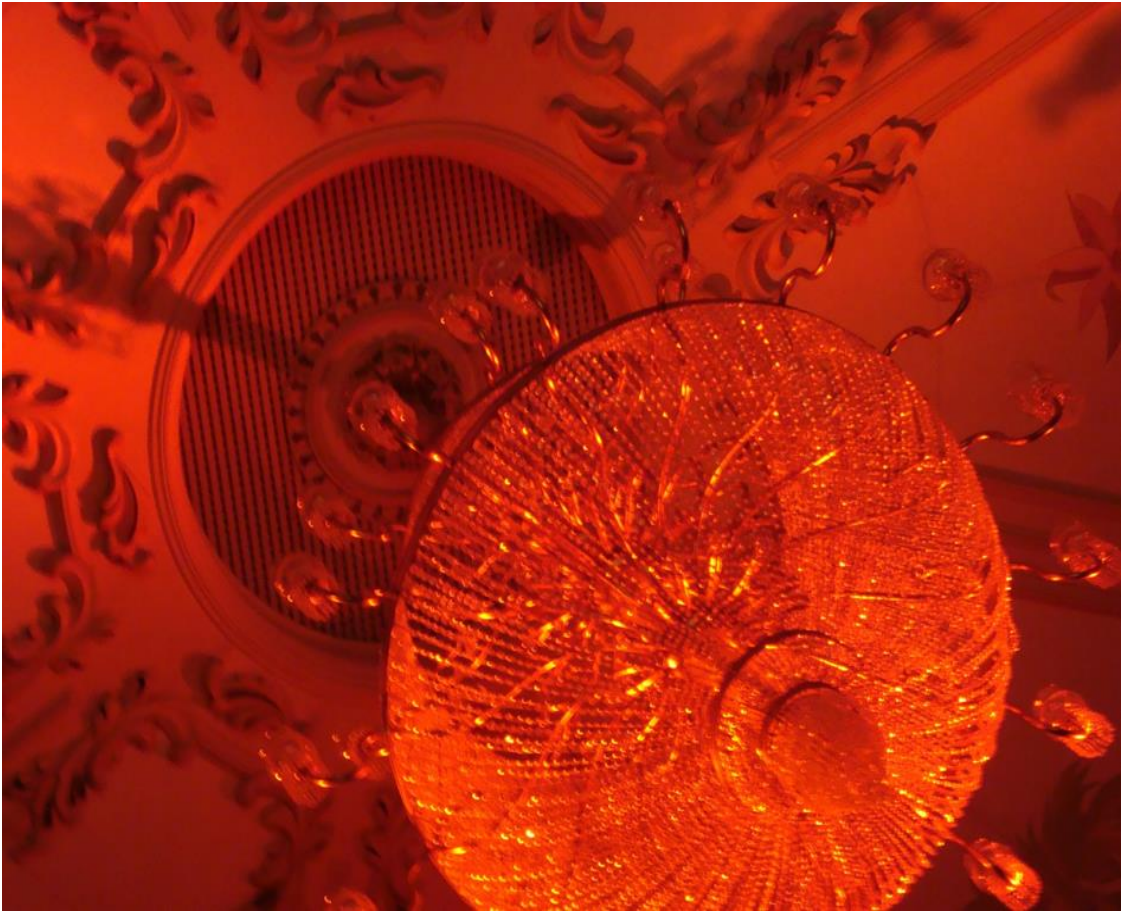
Conforme essa abordagem, a imagem que o educador faz da criança é que vai orientar suas escolhas. Se o educador considera a criança como um recipiente que deverá receber tudo o que ele (educador) sabe, pois é quem detém o saber, a organização do trabalho pedagógico seguirá tal princípio; mas, diferentemente disso, se a imagem que se tem é de criança potente, forte, poderosa, capaz de construir estratégias de aprendizagem, atenta à sua atualidade, que toma decisões e que, na interação com o outro, constrói conhecimento, tal imagem conduzirá a outro modo de organizar a proposta pedagógica. Todas as decisões pedagógicas estão atreladas à interpretação do educador sobre o que a criança deseja, o que ela faz, o que ela consegue produzir, suas possibilidades, suas teorias. Se a escolha que o educador faz tem a ver com esses elementos, conseqüentemente, não é possível fazê-la à

revelia da criança. Por isso, uma das ações educativas mais importantes para essa abordagem é a escuta, é o olhar cuidadoso sobre a criança. (SÁ, 2010, p.63).

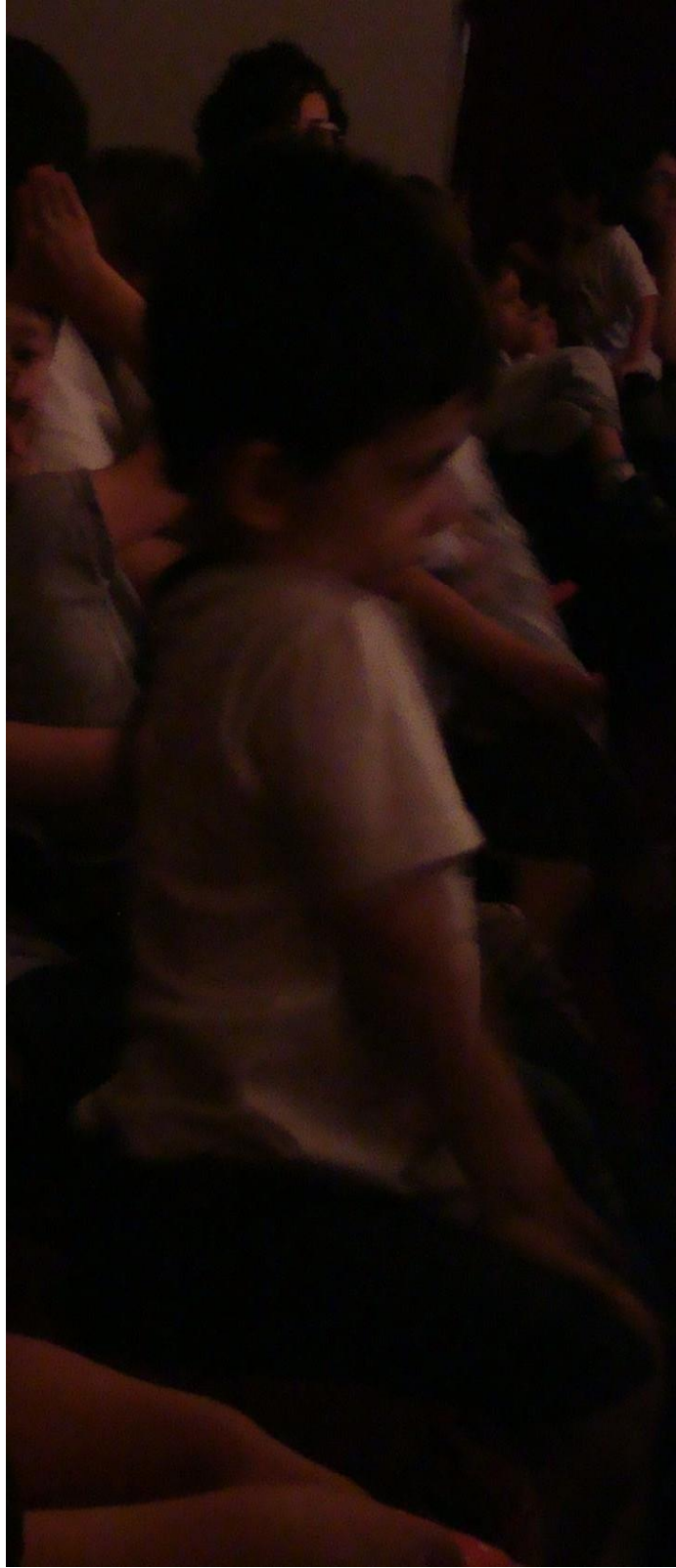
Era a essa escuta, a esse olhar a que me referia anteriormente, essa criança potente é que enxergo, há muito tempo e é com elas que quero estar, e sei que posso, pois consigo ouvi-las, vê-las e senti-las na sua essência, consigo me colocar em experiência com elas e nessas experiências consigo me reconhecer protagonista para trabalhar pelo protagonismo delas e produzirmos conjuntamente com as pessoas do caminho coisas belas, como um passeio na chuva ou um passeio ao teatro. Ainda que essas palavras sejam escritas no presente, produto das reflexões que venho fazendo desde então, elucidam parte da Justificativa do projeto “Olhando, sentindo, experimentando...aprendendo!”

Então estamos lá, numa daquelas instituições que Foucault tanto mencionou, lá onde o tempo é medido e onde esse tempo deve ser puro, de boa qualidade. “Onde todo seu transcurso o corpo deve ficar aplicado a seu exercício.”(Foucault, 2010, p. 145). Onde tem o lugar pra sentar, a forma de sentar, o brinquedo certo pra brincar na hora certa, do jeito certo. Esse lugar se reproduz facilmente, mas são as brechas que surgem que me interessam, são nos furos da cerca que quero poder espiar junto com as crianças, então mais que um nome para meu projeto, são nos espaços de fluidez que desejo agir, onde quero com elas olhar, sentir, experimentar e aprender. Buscando através de minha observação contínua da turma, de prestar atenção em suas dúvidas, suas vontades e curiosidades é que intenciono alicerçar meu projeto pedagógico. Dessa forma acredito colocar em prática, tornar em ação uma das máximas repetidas durante o curso: “A criança como sujeito da sua aprendizagem.” Não apenas pelas lindas palavras, mas por de fato acreditar que é pensando nisso em que deve se basear as ações de uma educadora. (Relatório Final de Estágio, 2015, página 12)

Hoje essas palavras que escrevi fazem ainda mais sentido com as reflexões posteriores às leituras feitas para esse estudo.







3.4 Passeando!

Para seguir analisando e contar um pouco mais sobre os passeios e de como eles aconteceram, das vivências que eles nos proporcionaram, recobro a seguir trechos do meu relatório final de estágio:

Terça-feira 22/09

- 1. Atividade proposta (o que):** Passeio na chuva
- 2. Objetivo/s (para que):** Experimentar um passeio diferente pelo pátio da escola
- 3. Metodologia (como):** A turma dividida em grupos, vestidos e agasalhados de forma mais adequada possível, convidarei-os a ir ao pátio e descobriremos juntos o que há de diferente nele quando está chovendo.
- 4. Recursos (quais materiais):** Guarda-chuva confeccionado para o passeio, sombrinhas, capas e galochas.
- 5. Relato**

Até o passeio acontecer nesta terça-feira, houve um tempo razoável de planejamento e preparação para ele. Ainda na quinta passada escrevi a ideia de um bilhete para os pais e com o auxílio da coordenadora este foi para casa dos pais via agenda. Segue modelo do bilhete:

Prezados Pais:

Nos últimos dias, temos observado um grande interesse das crianças pela chuva e conversamos com a turma a respeito desse fenômeno da natureza. Assim, com o intuito de aproveitar essa rica oportunidade para consolidarmos aprendizagens significativas ao grupo, e vislumbrando a previsão de tempo chuvoso, pensamos em realizar um pequeno passeio na chuva, pelo pátio interno da Creche, entre terça e quarta-feira da próxima semana.

Para realizarmos essa atividade, pedimos que as crianças que possuem sombrinha, capa e galocha tragam esses objetos para a Creche na segunda-feira (dia 21/9), a fim de ficarmos bem preparados e agasalhados para o tour. Gostaríamos de ressaltar que as crianças não serão expostas a condições adversas (temperatura muito baixa, chuva e ventos fortes), pois a proposta somente se concretizará em caso de chuva fraca; serão poucos minutos e cuidaremos para que elas fiquem abrigadas do frio. A participação nessa atividade depende de autorização expressa das famílias.

*Gratas pela atenção,
A, B, C e Simone (estagiária)
Professoras do Maternal 1A,
18/09/2015*

As professoras e coordenação da creche estavam bem receosas sobre a adesão dos pais à ideia, mas foi muito melhor do que poderíamos imaginar, eles abraçaram a ideia, trouxeram sombrinhas, guarda-chuvas, capas, galochas, alguns mandaram tênis extra na mochila. Houve quem comprasse galocha, mesmo que nós avisássemos que não era preciso, percebo porém que foi como uma forma de apoiar a ideia. O receio maior era com a mãe de N, que é bem preocupada com questões climáticas, mas para nossa surpresa os avós compraram galochas e apenas F e G que faltaram nesse dia ficaram de fora. Os pais de V preocuparam-se que ela se machucasse com o guarda-chuva e cobriram as barbatanas internas, considerei um excesso de zelo, é uma das crianças mais desenvolvidas da turma, possui ótima coordenação, porém de toda forma fiquei contente por não terem impedido ela de participar.

Na hora do passeio mesmo a chuva havia parado depois de vários dias de chuva, mas

ao fim até considerei melhor, pois foi uma maneira de ficarmos mais tempo no pátio e como não é comum de irem ao pátio molhado, não sei se alguma vez já haviam andando por ele assim, não deixou de ser uma nova experiência. Acredito que proveitosa para eles, pelas expressões e falas de contentamento. P foi um dos mais empolgados, corria e dizia algo que incluía a palavra passeio que não consegui ouvir bem, porque por vezes distanciava-se ao falar. Não foi preciso que abrissemos os guarda-chuvas, não cheguei a abrir o meu na rua, até porque a maior parte do tempo fiquei sozinha com eles no pátio, A veio dar uma ajuda e a professora C também, porém não me opus às crianças que quiseram abrir os seus e ajudei na abertura e a fechar quando não mais queriam-no aberto. É difícil precisar as aprendizagens, mas vendo-os observando pegadas, furando a areia com a ponta do guarda-chuva, olhando para buracos feitos pela chuva que escorre pelos brinquedos, observando a água empoçada nos brinquedos, ousou afirmar que aconteceram. M testou as poças d'água jogando pedrinhas e folhas, V e L acompanharam-no na experiência. J pulou com as galochas dentro de uma poça H também experimentou as galochas na poça embaixo do balanço e próxima à roda do pátio. Me G também mostraram vontade de pular nas poças, como não estavam de galocha, orientei-os a pisar de leve na borda de uma, explicando que de fato poderiam ficar com frio e tentando prevenir qualquer problema posterior com os pais.

L ficou curioso com o buraco feito pelos pingos da chuva embaixo do túnel do pátio. Outra coisa que comentaram bastante ao ver foi a água parada sobre os brinquedos. M pegou água com um dos brinquedos do pátio e jogou no balanço.

É muito importante ressaltar a importância do apoio das professoras para a realização da atividade, desde abraçar a ideia, e depois preparando e me ajudando na orientação junto às crianças e recebendo-os na volta do pátio e fazendo o acolhimento e limpeza posteriores. O passeio foi feito em três grupos de 5 crianças e estávamos com uma colega a menos na sala, que neste dia foi emprestada ao maternalzinho. Depois no fim do dia quando nos encontramos ela me contou que Ja viu nos observando na janela e perguntou: “Prof. tu não tem capa pra vir passear com a gente?” Se tudo correr bem, planejamos repetir amanhã. Foi bem cansativo, deu bastante trabalho, mas um prazer maior ainda em vê-lo realizado. (Relatório Final de Estágio, 2015, página 31)

Quando a chuva deixa uma poça, graças à boa sorte de haver um buraco no chão e um pouco de sombra, as crianças enchem-se de alegria. Se os adultos não colocam limites e, em vez disso, entram na brincadeira, a poça d' água então pode tornar-se todo um universo a ser observado. (EDWARDS, GANDINI, FORMAN, 1999, p. 136)

Os adultos têm seus limites também, e tenho os meus. Quando chegaram ao pátio, o que mais me lembro ou que me chamou a atenção, foi a alegria de lá estarem naquelas circunstâncias. Como fomos em três grupos de 5 crianças e, praticamente, era a primeira vez que ficava sozinha com elas, pois as professoras estavam na sala vestindo os que iriam passear e recebendo os que já haviam passeado, estava bem apreensiva, embora eu soubesse que lá podiam estar e fiz questão disso. O medo sobre o que aconteceria também me acompanhava, no primeiro dia (teve um segundo dia, porém o pátio estava bem mais seco) fiquei mais de observadora delas, mediando as interações, mais no sentido de não se machucarem mesmo ou observando para que não se colocassem em nenhuma situação de risco; também fiz o registro fotográfico do momento.

Algumas crianças de início quiseram brincar com seus guarda-chuvas, rodá-los, balançá-los, até mesmo o abrir e fechar transformou-se em interação e brincadeira. Auxiliei nessa tarefa, e também aos que não conseguiam abrir os seus. Tentando manter-me atenta aos que estavam longe, depois de algum tempo, sugeri que os fechássemos para de fato passearmos pelo pátio. Eles se movimentavam bastante de um lado para o outro, alguns corriam. Outros olhavam o que os colegas faziam e imitavam; penso que esse também é um modo de interagir. Gostaram bastante de furar o chão com a ponta dos guarda-chuvas. As poças no chão e sobre os brinquedos chamaram muito a atenção deles, mas não lhes fiz perguntas a esse respeito e me questiono por que; talvez pudesse ter ido além, talvez propor que eles tirassem fotos, ou indagar sobre o que viam.

De certa forma, acredito que esperava para ver o que partiria deles e de fala não houve muita coisa, aproveitaram para observar também. E talvez não tenha mesmo, nenhum erro nisso. Foi assim naquele momento para nós. Penso que aqui voltamos àquela escuta de Reggio Emilia, mesmo que os sons em volta se baseassem mais nas nossas pegadas na areia e o barulhinho do atrito entre elas, esse eu ouvia e era bonito. Hoje poderia ser diferente, eu poderia inclusive ter chamado a atenção para esse barulhinho bom que nos acompanhava, mas também acredito que não tenham tido muitas oportunidades de olhar para objetos e pátios molhados depois da chuva. Assim como eu não nunca tinha levado uma turma para um passeio assim. Porque observar em silêncio não pode também? Quando vamos à uma exposição necessariamente temos que falar sobre o que vemos nas telas ou fotos? Penso que podemos só observá-las e senti-las e ponto. Eu os senti felizes com o passeio e me senti feliz com isso. É pouco?

Respondendo a mim mesma agora, penso que para aquele dia não foi. Foi muito, foi intenso para mim e para eles e isso vi e senti, através de seus rostos felizes, de seus corpos correndo para olhar o que quisessem na atmosfera de alegria que nos acompanhava naquele pátio e que relembro ao olhar para as fotos que ilustram esse trabalho. Quando perguntei as professoras o que eles referindo-me às crianças tinham achado, já que quando devolvia um grupo à sala em seguida acompanhava o seguinte no passeio pelo pátio, a única resposta que me deram foi que eles “amaram”. Pra mim era suficiente; eu também amei essa experiência assim

como ela foi, completa ou incompleta do ponto de vista pedagógico.

Mas penso que sim, poderia ter pensado em voltar à ela nos próximos dias, nas nossas rodas de conversa e quem sabe montar com a ajuda das crianças um projeto sobre a chuva ou sobre poças d'água ou quem sabe poderia também ter pensado e conversado com os pais, direção e professoras pra deixarmos por mais uma semana nossos apetrechos de chuva na escola e repetirmos mais vezes e de outras formas o passeio e conversarmos mais durante ele, fazer novos registros dessas experiências e ir adiante nelas, poderia... Na verdade, quem sabe não surge em outra escola, com outra turma, uma nova oportunidade parecida e agora a partir dessas minhas indagações e reflexões amplie e qualifique as oportunidades de aprendizagem?

Lendo sobre a experiência de Reggio Emilia, em Edwards, Gandini e Forman (2008), deparei-me com uma vivência em que as crianças saíam da escola e faziam levantamentos e registros de como as pessoas caminhavam na rua em dias sem chuva e em dias chuvosos, e depois representaram essas informações em pinturas, desenhos. Isso me inspira; há muitas possibilidades a serem descobertas! Muitos pátios e quintais a serem vistos e vividos, molhados ou não.

Quanto ao passeio ao Theatro São Pedro, o relato que trago, que também faz parte de meu relatório final de estágio, e traz informações de outras atividades. Vamos a ele:

Reflexão semana 12

Essa penúltima semana de estágio foi repleta de boas experiências e alegrias.

Na terça-feira fomos ao Theatro São Pedro. É sempre uma festa o simples fato de entrar no ônibus para passear, mas foi realmente um passeio especial. Pra completar o cenário tinha uma chuvinha, tão nossa amiga nesse semestre. Chegamos e fomos recebidos em nossos lugares reservados bem à frente do palco, na terceira fileira do teatro, pois crianças do Projeto Sol Maior que cantariam e tocariam ocupavam as duas primeiras fileiras.

O concerto começou com o Coral Banrisul, um dos tenores solou na música "Céu, sol, sul" e depois do fim do concerto, J imitava o cantor, com gestos, vozes e expressões diferenciadas. Quando enxergaram o professor A⁸ que havia nos visitado na semana anterior também reagiram com entusiasmo, apontando para ele e dizendo seu nome. Prestaram atenção em tudo, impressionante ver como se concentraram para ouvir as músicas e as intervenções feitas pelo maestro e pelos músicos que demonstraram seus instrumentos.

⁸ Que é professor de violino e músico integrante da Orquestra do Theatro São Pedro, e havia estado uma tarde conosco tocando e mostrando um pouco sobre o instrumento na semana anterior à apresentação.

Olhos brilhantes e sorrisos não faltaram. Na saída T perguntava: " Pôf, amanhã a gente pode vir de novo?" Deixando nítida sua satisfação. Ficamos por último para sair do teatro e recebemos os parabéns do maestro e da cantora, que participa do espetáculo, por serem tão pequenos e se comportarem tão bem. Isso me leva a pensar que realmente muitas vezes privamos as crianças pequenas de certas coisas, é uma ilusão pensar que certos lugares não são de criança, é preciso ensiná-las sim, que é diferente, que existe um jeito diferente de se comportar, respeitar as pessoas ao redor. São construções que não são feitas de uma hora para outra. É preciso estar preparado para alguma eventualidade, porque crianças podem ser imprevisíveis, mas é possível sim, levá-las para conhecer lugares bonitos e diferentes.

Nesse mesmo sentido, em outra atividade da semana, separei o notebook para ouvirmos as músicas dos colegas que foram citados no livro das preferências musicais da turma e não sabíamos cantar, dentre elas estava a música "Longe" de Arnaldo Antunes, é uma música bem lenta o clipe tem imagens que remetem ao nonsense, a letra traz um tema que certamente não é considerado infantil. Porém ao assisti-lo, outra vez a concentração para ver e ouvir foi total. Ou seja, músicas, filmes, clipes diferenciados podem e devem ser apreciados pelos pequenos, eles têm uma sensibilidade que ultrapassa faixas etárias, encantaram-se com as imagens e acordes do clipe e ao final pediram bis. Stuepp e Santos destacam: "O quanto é importante e contribui para o desenvolvimento das crianças a ampliação do seu repertório cultural, ou seja, como as crianças veem e sentem o mundo ao seu redor e comunicam este movimento."(2014, p.10)

Na quarta-feira fiz a contação da história da Chapéuzinho Vermelho, que é velha conhecida, porém utilizando o teatro de fantoches e uma boneca multi-personagem, a contação foi boa, as crianças gostaram e participaram. O que mais me chamou a atenção nesse dia foi ao final da atividade o interesse delas em contar a história utilizando o palco, fantoche e a boneca V pegou a boneca para contar a história com direito a trocar de voz e cantar a música e M que já foi considerado como um não participante das atividades, foi seu ajudante, interagindo com ele e contando a história junto com o auxílio do fantoche do lobo. Foi muito bom vê-los participando assim da atividade. Sendo assim, trago novamente as palavras de Stuepp e Santos:

Quanto mais as crianças puderem ampliar o seu olhar, ou seja, a capacidade de expressar o que veem e sentem no que se refere ao mundo que as cerca, mais elas estarão inseridas na cultura e conseguirá colaborar de forma ativa na produção e nas mudanças culturais. Assim, cabe a educação infantil prever tempos e espaços para estas ampliações, de modo a possibilitar às crianças saltos qualitativos nas suas formas de ser e pensar o mundo. (2014, p.10)

(Relatório Final de estágio, 2015, p.106)

Depois de conseguir com a direção do teatro a liberação para estarmos lá, o trabalho de convencimento na escola foi menos difícil, a dificuldade que imperava era a de conseguir um ônibus por conta dos trâmites burocráticos da instituição, mas creio que percebendo meu entusiasmo transbordante quanto ao passeio, quando a coordenação esbarrava por mim nos corredores me dava notícias sobre a quantas andava a obtenção do transporte para tal. Até que veio a confirmação – teríamos o ônibus, sim! Que alegria! Estava se tornando real! Nós iríamos ocupar nossos

lugares na plateia! De toda forma, é forte o registro da memória do momento em que nos organizávamos para sair da escola e ouvi algo como “Não sei se não vou me arrepender disso.” Não, ninguém se arrependeu.

Um pouco antes de começar a apresentação da orquestra, assim que viram as crianças da fileira atrás da nossa levantando-se para irem ao banheiro, alguns da nossa turma quiseram ir também. Isso gerou certa tensão, pois alguém dentre nós adultos teria que sair dali e acompanhar as crianças ao banheiro, e ficaríamos então com uma professora a menos cuidando das crianças na platéia. Estávamos em 5 adultos e 16 crianças, apenas uma não pode ir. Mas foram poucos minutos de sai e volta e fiquei a pensar sobre isso, que se eu fosse criança e tivesse indo naquele lugar pela primeira vez, eu também gostaria de saber como era o banheiro e em interlocução com meu orientador neste estudo de conclusão de curso, ele me disse que quem sabe poderíamos ter pensado em um modo de termos chegado com mais antecedência e conhecer e olhar um pouco para arquitetura daquele espaço, daquele teatro tão lindo. Não pensei nisso na época, mas agora penso e começa a vislumbrar possibilidades com as novas turmas que terei daqui pra frente como professora. Depois de terminado o estágio, despedi-me da turma, mas para minha satisfação voltaria logo. No dia 16 de dezembro de 2015 passei a titular da turma! Carteira assinada e tudo: professora de educação infantil!

Logo que voltei à escola tivemos uma reunião com os responsáveis para a entrega das avaliações, e tenho muito orgulho de lembrar das falas dos responsáveis naquele dia, eu sabia que tinha tocado as crianças, mas nem percebia a desse toque; fui me dar conta quando eles começaram a relatar sobre o as crianças diziam em casa . Eles relataram que agora as crianças queriam ouvir música clássica no carro, que pediam violinos de presente de Natal, que tinham achado fantástico o passeio na chuva, que identificavam o som de violino nas músicas, mesmo que não desse pra garantir que fosse mesmo, mas eles estavam atentos à música e isso já me bastava por ora.







3.5 Sentindo e aprendendo

Agora quero escrever sobre sentimentos, não que não tenha escrito antes, já escrevi sobre alegria, amor... Agora vamos pensar sobre medo e ousadia, sobre sonhos e para isso começo com um trecho de Freire e Shor, 2008, (na citação a seguir, Shor está indicado por Ira e Paulo Freire por Paulo):

(Ira) Sua análise é inteiramente diferente. Você diz que o medo é um sinal de que você está fazendo seu trabalho de transformação. Quer dizer que você está fazendo uma oposição crítica, atraindo o *status quo* a uma contenda que visa uma mudança social. Seu sonho está entrando na realidade, entrando na história e provocando riscos inevitáveis.

(Paulo). Quanto mais você reconhece que seu medo é consequência da tentativa de praticar seu sonho mais você aprende a pôr seu sonho em prática. Você percebe? (SHOR;FREIRE,2008,p.71)

Ao que respondo: SIM!

Penso que em muitos momentos esse medo que tive foi me fazendo aprender a transformar em realidade meus sonhos. Quando escrevia lá no início sobre aquela sensação de estar fugindo da escola, penso que falava desse medo, de ir para essa escola que não faz muito sentido pra mim e para muitas pessoas que conheço, porque é outra escola que desejo, que desejamos e assim estou aprendendo a colocá-la em prática com parcerias pelo caminho, estou aprendendo a tornar real esse sonho de educação que tenho. Essa educação que transforma pessoas, que emancipa que ensina a olhar para o outro atenta e sensivelmente, que pensa em um mundo melhor para todos. E isso gera atritos, há quem não queira mudar, há quem não consiga pensar muito além de si, mas é possível e faz parte do processo ir aprendendo com esses também, pensando em modos de driblar as resistências, é preciso enfrentá-las, é preciso fazer do medo instrumento de ação. Para Freire (2008, p.68): "Os que estão abertos à transformação sentem um apelo utópico, mas também sentem medo." Mas o medo nos faz parar e pensar sobre ele e perceber que, porque nossas ações trazem estranheza, assim está em Freire e Shor, 2010:

(Paulo) Na medida que tenho mais clareza a respeito de minhas opções, de meus sonhos, que são substantivamente políticos e adjetivamente

pedagógicos, na medida que reconheço, que enquanto educador, sou um político, também entendo melhor as razões pelas quais tenho medo, porque começo a antever as consequências desse tipo de ensino.(FREIRE;SHOR, 2008,P.69)

Então agora percebo um pouco melhor a resistência às minhas propostas inicialmente e vejo como não é fácil mesmo ir de encontro ao estabelecido, ao normal e como isso pode trazer julgamentos, receios e outras consequências aos que se aventuram e por isso o medo. Mas para o sonho ser real é preciso vencer o medo. Eu sinto esse apelo pela transformação e o medo que vem junto, mas vou me permitindo modos para pensar em como enfrentá-lo. Ouvindo a mim e aos outros ao redor e, mantendo meus sonhos vivos.









CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para responder aquela pergunta que deu origem a esse estudo: Como me tornar professora protagonista diante das incertezas das primeiras vezes? É preciso pensar nessa trajetória, nessas vivências anteriores e no curso. As pessoas que fui encontrando, as músicas que fui ouvindo, os livros que li e filmes que vi, todas essas vivências e experiências foram me tocando, foram deixando marcas. Meus sonhos e valores foram se construindo e fortalecendo nesses encontros. E talvez o maior deles, não que seja preciso hierarquizar, mas para destacar, seja esse sonho que crianças sejam respeitadas e olhadas com esse olhar mais amplo, atento e sensível às suas potencialidades que possibilitam que elas revelem seu protagonismo. Para isso foi preciso que eu me tornasse protagonista, ou, agora entendo, me reconhecesse protagonista, para garantir o direito a elas de estarem em diferentes e

mesmos espaços para viverem as mesmas mas também diferentes experiências, mesmo que isso fugisse um pouco ao que estava estabelecido como normal.

Foi preciso exercer e me reconhecer como protagonista querendo estudar sobre crianças, e estudando, conhecendo pessoas que estudam sobre infâncias, tendo aulas de orientação de estágio, conversas de orientação nesse trabalho, outras aulas e outras conversas durante o curso, fazendo leituras importantes e refletindo sobre elas.

Foi preciso me permitir uma experiência de estágio que me tocasse, como tão bem nos diz Larrosa (2002, p.27):

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

E me dei esse tempo e espaço e me permiti a experiência de estágio e algo me aconteceu naquele tempo e espaço, com essas duas situações que trouxe para análise deste trabalho, me tocou de tal maneira que serviu de base para esse estudo.

E já que escrevi tempo e espaço, tornei-me uma professora protagonista ao buscar garantir o tempo e o espaço que as crianças precisavam para suas experiências.

Tornei-me professora protagonista quando, com um olhar aberto e sensível, avaliava a turma em sua potência, quando com o mesmo olhar identificava aquilo que realmente fazia sentido para a turma e para mim. Quando identificava o que as crianças queriam porque precisavam saber.

Eu era protagonista quando buscava novos espaços para aprendermos e quando buscava formas de reorganizar os que já tínhamos à nossa disposição

Eu era protagonista quando ouvia o meu tempo de fazer as coisas para que elas pudessem fazer as coisas que eu queria que fizessem, porque elas queriam!

Eu era protagonista quando nos permitia apenas sentir nossas vivências e os sons audíveis ou não advindos delas.

Eu era protagonista quando com meu entusiasmo contagiava colegas em seus momentos de descrença e as fazia trabalharem comigo.

Eu era protagonista quando vencia o medo e ousava fazer o que não havia sido feito.

Quando usava e transformava o medo em combustível aos meus sonhos e aos sonhos das crianças.

Eu fui professora protagonista em todas às vezes que pautei minhas ações na busca para garantir que **o protagonismo das crianças aparecesse**.

Eu era protagonista em outras vezes que por hora não consigo ver ou reconhecer-me como tal.

E já sonho com novos pátios. Eu já quase posso ouvir os seus sons! Como serão eles?



REFERÊNCIAS

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. **Bras. Educ.** [online]. 2002, n.19, p.20-28.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

EDWARDS, Carolyn, GANDINI, Lella, FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FREIRE, Madalena. **O olhar do observador**. Disponível em: <http://anamariacoord.blogspot.com.br/2004/06/o-olhar-do-observador.html>. Acesso em 15/05/2016.

FREIRE, Paulo, SHOR, Ira. **Medo e ousadia - o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GERHARDT, Tatiana E; SILVEIRA, Denise T.(organizadoras). **Métodos de pesquisa** - coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HOFFMANN, Jussara. **Um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. **Linguagens geradoras: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

MEIRIEU, Philippe. **Carta a um jovem professor**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

RANCIÈRE, Jaques. **O mestre ignorante-cinco lições sobre emancipação intelectual**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SÁ, Alessandra L. de. **Um olhar sobre a abordagem educacional de Reggio Emilia**. Paidéia do curso de pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde, Universidade Fumec, Belo Horizonte Ano 7, n. 8, p.55-80 jan-jun. 2010. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/paideia/article/viewFile/1281/862>. Acesso em 12/06/2016.

SOARES, Magda. **Metamemória-memórias**: travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez, 1991. Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2002/Formacao_de_Educadores/Trabalho/09_37_28_t278.pdf. Acesso em 17/05/2016.

